

Arte eletrônica passa por transição estética

Linguagem é tema do Videobrasil Festival, de 19 a 23 de setembro, no Sesc-Pompéia, em São Paulo

Giovanna Castro

Quem for assistir à 13ª edição do Videobrasil - Festival Internacional de Arte Eletrônica, que acontece de 19 a 23 de setembro, no Sesc-Pompéia (São Paulo), vai perceber que o gênero atravessa uma fase transitória.

Os 135 trabalhos de 15 países selecionados em vídeo, web arte e CD-ROM revelam que, em apenas três anos (período que separou esta edição da anterior), a arte eletrônica absorveu muito da linguagem da internet em termos estéticos, além de ter sofrido sensíveis alterações temáticas.

"A entrada das novas mídias mudou o panorama da videoarte. O tema do evento Fluxos, fusões e assimilações foi escolhido exatamente por conta das linguagens estarem cada vez mais híbridas. Agora, cinema, vídeo e web interagem e está difícil estabelecer categorias", ilustra a curadora do festival, Solange Farkas.

A Bahia está representada no festival, este ano, apenas por Mônica Simões. A artista concorre com Bahia, documentário produzido em 1999, que enfoca aspectos da cidade de Salvador, como as pessoas, transporte, comida, arquitetura, luzes e sombras. O vídeo (patrocinado pela Diretoria da Imagem e Som da Fundação Cultural do Estado) foi resultado de uma oficina realizada por Mônica com nove jovens que haviam se destacado em suas oficinas anteriores. Mônica já havia participado da última edição do Videobrasil com Café com pão, manteiga não, e com Quilombos urbanos, em 1996.

O grupo foi dividido em duplas que trabalharam os diferentes temas sob a coordenação da artista. "Foi um processo muito prazeroso e o resultado ficou muito legal, tanto que foi selecionado para o Videobrasil", disse Mônica. O vídeo não tem personagens, é todo em preto-e-branco e as imagens são emolduradas por uma trilha sonora de compositores baianos, que vai do erudito de Paulo Lima ao experimental de Tuzé de Abreu. "Foi um grande desafio porque a cidade é muito colorida e as imagens acabaram ficando com um clima atemporal, meio Pierre Verger, que é uma pessoa que adoro e a quem dedico o documentário".

Tecnologia - A abertura dessa edição para as novas mídias resultou no acréscimo de 61% no número de trabalhos enviados em relação à última edição do evento, o que também retrata o acesso cada vez maior às novas tecnologias audiovisuais. Solange Farkas (que viaja o mundo inteiro buscando novidades para o público brasileiro e leva o trabalho dos artistas nacionais para instituições interessadas nesse

tipo de arte) considera que o artista agora está mais auto-suficiente. Tendo um computador em casa, uma linha telefônica e sendo criativo, já reuniria todas as ferramentas para produzir um audiovisual. "A internet trouxe também a experimentação, que era uma grande dificuldade no Brasil. Agora, estamos deixando o atraso e usando os mesmos recursos que outros países", situa.

Farkas acredita que, daqui por diante, não haverá mais segmentação na arte eletrônica, ou seja, cinema, vídeo e internet vão se misturar dando origem a manifestações artísticas eletrônicas híbridas e inovadoras. O videomaker Marcondes Dourado, que venceu o Videobrasil em 1998 com Ogodô 2000, concorda e diz que em Salvador o hibridismo já está se manifestando no teatro e na música. "Venho descobrindo que o vídeo é mais interessante se usado na performance, no teatro e na música. Me afastei um pouco da linguagem do vídeo, isoladamente, e sinto meu trabalho mais contundente", resume.

Assim como a internet provocou alterações estéticas, causou igualmente a mudança temática das obras dos videoartistas. Solange verificou que, pela facilidade de acesso instantâneo às informações das mais diversas localidades, está havendo uma maior preocupação em não perder as características locais e os artistas estão assumindo uma postura mais política. O que acontece é que temáticas locais como a repressão feminina no Líbano, por exemplo, estão se servindo de uma tecnologia sofisticada para ganhar o mundo e o interesse do público. "Identifica-se muito, nos vídeos, a questão cultural relacionada com a estética universal. A videoarte era muito para dentro, mas isso diminuiu. Perdeu-se o ranço intelectualizado e os artistas estão mais maduros e inteligentes. Parece que descobriram o mundo", disse Farkas.

Festival é destaque

Posicionado entre os cinco melhores do mundo, segundo ranking divulgado em catálogos de festivais, o Videobrasil é considerado o melhor festival do gênero na América Latina. O que o coloca nessa posição é a regularidade (acontece a cada dois anos), o fato de servir como referência para quem trabalha com vídeo e de funcionar como aglutinador da produção e como ponte de produtos brasileiros para o circuito internacional. "É o que talvez faça a diferença", diz Farkas.

Durante os cinco dias de Videobrasil, haverá performances, palestras, discussões com artistas, exposições e videoinstalações, além da mostra competitiva de vídeo e novas mídias que distribuirá R\$60 mil em prêmios. Convidado especial do festival, o artista americano Gary Hill (considerado referência histórica para a videoarte) será homenageado com a exibição de algumas de suas obras, seguida da performance inédita Black performance. Também serão mostradas suas videoinstalações Remembering Paralinguay (2000), Wall piece (1998), que está em exibição na Bienal de Veneza deste ano, e Remarks on color (1994).

Estarão presentes curadores importantes da Bélgica, Canadá, EUA, França, Espanha, Grécia, Inglaterra, México e Peru. A América Latina estará representada com performances dos brasileiros Alexandre da Cunha, Eder Santos, Luis Duva e Lucas Bambozzi, German Bobe (Chile), Marcello Mercado (Argentina). O brasileiro Rafael França, pioneiro da videoarte no país, será homenageado com a exibição de um documentário produzido para a série Coleção de Autores e retrospectiva das suas melhores obras.